



O XUÃO – *Semanário de Caricaturas*, publicou-se em Lisboa, de 26 de Fevereiro de 1908 a 7 de Julho de 1910, num total de 123 números (incluído aqui o *número único*, de Fevereiro de 1908). Temos conhecimento da saída de **5 suplementos**, aos sábados (**O Xuão saía às terças-feiras**), de 4 páginas, aos seguintes números: 75, 76, 77, 78 e 110, respetivamente de 7, 14, 21 e 28 de Agosto de 1909, e 5 de Abril de 1909, a 10 réis cada. O *Xuão* era um pouco mais caro: **20 réis**, se vendido avulsamente; 300 réis, por assinatura trimestral; 500, semestral; e 1000 réis para uma assinatura anual, com pagamento adiantado, como era da praxe. Esta tabela de preços manteve-se inalterável, o que não deixa de surpreender, face às melhorias gráficas que foram introduzidas, sobretudo a partir do segundo ano de publicação. A estes valores acrescia, para quem quisesse colecionar *O Xuão*, o custo das capas, em percalina, a 5 cores. Vendidas a 600 réis, com anúncio na própria publicação, reuniam normalmente um ano de publicação, num vistoso volume (hoje, uma preciosidade bibliográfica). Não temos dados sobre a **tiragem** d’*O Xuão*.

Com redação e administração na Rua da Cruz dos Poiais, 84, 3.º esquerdo, *O Xuão* era composto, impresso e litografado no Largo do Conde Barão, 50. A partir do n.º 71, de 6 de Julho de 1909, a redação saltou para a Rua da Atalaia, 128, 2.º direito, onde permaneceu até 28 de Dezembro de 1909. Ano novo, vida nova, pois no início de 1910 (a partir do n.º 97, de 4 de Janeiro) a redação d’*O Xuão* mudou-se para a vizinha Travessa da Espera, 53, também no **Bairro Alto**, acentuando assim a concentração de jornais nesta zona da cidade de Lisboa. Aliás, já lá estava aquele que seria o seu grande rival, o bissemanário humorístico *Os Ridículos* (1895-1898; 1900; 1905-1963), dirigido por Cruz Moreira, com residência da Rua da Barroca. E na Travessa da Espera ficou *O Xuão*, até aos seus últimos dias...

CONTEXTO HISTÓRICO

O aparecimento d’*O Xuão* é fortemente determinado pelo contexto histórico, neste caso pelo regicídio de 1908, que vitimou D. Carlos e o seu filho mais velho, D. Luís Filipe. Como iremos ver, inicialmente, **o semanário de caricaturas até tem um único propósito: identificar o responsável (ou responsáveis) pelo assassinato do rei e do príncipe, desculpando assim os verdadeiros autores do crime e, eventualmente, os seus organizadores**. E com este objetivo publicou o seu *número único*, ainda em Fevereiro de 1908, pouco depois do trágico acontecimento. Portugal viveu até aí dias de intensa agitação política: a 11 de Abril de 1907, João Franco faz aprovar uma nova lei de imprensa, que pelo seu carácter repressivo ficou conhecida como “lei contra a imprensa”; a 11 de Maio, o Parlamento é dissolvido, sem que tivessem sido marcadas novas eleições, iniciando-se aqui, efetivamente, o governo *ditatorial*; ainda em Maio, e nos meses seguintes,

rebetam greves na Universidade de Coimbra e no sector industrial, em várias regiões do país; a 28 de Janeiro de 1908, tem lugar uma tentativa de golpe revolucionário republicano para derrubar a Monarquia – seria sufocado pelas forças fiéis ao governo. Após o regicídio, D. Manuel II sobe ao trono, contava apenas 18 anos. Por fim, o ministério de João Franco cai e é constituído um novo governo, liderado por Ferreira do Amaral, **o primeiro gabinete da chamada *acalmação***: o novo ministério libertou os presos políticos, autorizou o regresso dos exilados, reconduziu as câmaras municipais (havam sido dissolvidas por Franco), e anulou as medidas mais contestadas do anterior governo. Até 5 de Outubro de 1910 seguiram-se novas eleições, e novos governos, sempre na linha da *acalmação*, isto é, da relativa brandura política e da transigência, que, em vez de acalmar os ânimos, **contribuiu para o crescimento rápido do movimento republicano e para dar cada vez mais força à corrente que defendia uma ação revolucionária imediata, com o apoio da Maçonaria e da Carbonária**. Propósito que se materializou entre 4 e 5 de Outubro de 1910, com a revolução republicana, desta vez com pleno sucesso, e com a conseqüente **proclamação da República**, primeiro em Lisboa e depois no resto do país. São, portanto, estes três anos (1908-1910) de estertor da Monarquia Constitucional que serão dissecados semanalmente nas páginas d’*O Xuão*, através duma sátira mordaz e impiedosa. Sátira que, combinada com a ação doutras folhas republicanas, políticas e humorísticas, contribuíram decisivamente para a criação de um ambiente favorável ao aparecimento de um novo regime político, nomeadamente nos principais centros urbanos, Lisboa e Porto.

PROGRAMA EDITORIAL

Ao que parece, a fazer fé no artigo publicado no n.º 1, intitulado “Uma explicação”, ***O Xuão não era para continuar***: “Quando publicámos o número do *Xuão* e lhe pusemos *número único*, é que não pensávamos em seguir com esta publicação por nos parecer que o público, já farto de aturar tanta coisa má, estaria esgotado para uma coisa boa”. Quando surgiu pela primeira vez, naquele *número único*, com data de Fevereiro de 1908, precedendo, portanto, o primeiro número, de 26 de Fevereiro, **o objetivo principal era responsabilizar João Franco (1855-1929) pelo regicídio de 1 de Fevereiro**, que se traduziu na morte do rei D. Carlos e do príncipe D. Luís Filipe: “Para nós, é ponto assente, que o verdadeiro culpado dessa tragédia que se desenrolou no Terreiro do Paço, foi só o ditador [João Franco], e a prova de que foi ele, está na fuga vergonhosa que praticou dois ou três dias depois”. **O próprio título, *O Xuão*, reforça esta ideia, pois pretendia caricaturar a pronúncia beiroa do presidente do ministério, aplicada ao seu nome próprio**. Na crónica que serviu de mote para aquelas palavras, publicada no *número único*, não há qualquer esboço de um programa editorial. Toda ela é ocupada por considerações sobre a fuga de João Franco para Espanha, Génova e Alemanha, e pela atribuição de responsabilidades também ao rei, acusado de “uma leviandade de rapaz de escola, leviandade que lhe custou a própria vida”. Portanto, quer a crónica, quer os outros textos e as caricaturas publicadas neste *número único*, bem como a ausência do subtítulo “Semanaário de caricaturas”, que só aparece no n.º 1, **sustentam a ideia de que Estevão de Carvalho não pretendia dar continuidade a esta publicação**. Isso não constituía uma novidade, pois era normal na época aparecerem jornais que se

ficavam pelos números únicos, nalguns casos de propósito, por estratégia editorial, noutros, por falta de meios, leitores e assinantes para continuarem. Acontece que, pelos vistos, “o público recebeu *O Xuão* de braços e bolsa abertos e nós abertamente declaramos que estamos verdadeiramente reconhecidos. E tanto assim é, que vimos hoje novamente nesta forma pública, tornar numa pública forma a razão de ser do *Xuão*”¹. Por outras palavras, **o sucesso da folha junto do público teria sido determinante para a criação de um novo jornal de caricaturas e humorístico.**

Assim, lá vamos encontrar no texto que acabámos de citar o *clássico programa ou conjunto de princípios editoriais que orientariam este semanário de caricaturas*: “*O Xuão* não nasceu exclusivamente para dizer mal deste ou daquele, porque também não gostará que digam mal dele. *O Xuão* tem apenas em mira apontar e analisar, a seu modo, casos, coisas e costumes que por aí se dão na ex-pacata Lisboa. (...) *O Xuão* só quer ir vivendo por muitos anos e bons; ir recebendo o seu vintenzinho; e ir fazendo segundas edições, como sucedeu com o *número único* do transato *Xuão*, tirando tantos números únicos de todos os números, que não fique um único número por vender. E eis aqui a *norma* do *Xuão*, que será o *Trovador* dos tempos modernos se a *Força do Destino* público o emparelhar na sua vasta galeria de Mestres Cantores.”

A par desta *norma*, de sátira aos “casos, coisas e costumes” lisboetas, ***O Xuão* posicionou-se como um semanário de caricaturas de crítica política aos governos monárquicos que se seguiram, assumindo-se claramente como uma folha republicana e mesmo anticlerical.** Crítica política que era feita de duas formas: por um lado, **através da imagem**, fazendo uso de uma caricatura eminentemente política, ou melhor, **de uma caricatura que ia satirizando a atualidade política monárquica**; por outro, **através do texto humorístico**, em prosa ou em verso, as célebres gazetilhas, **com comentários jocosos e por vezes grosseiros, com uma abrangência temática mais ampla.** Ambas, imagem e texto, com um único propósito: **o desgaste do rei, dos partidos políticos, da igreja, e consequentemente da Monarquia Constitucional, formando ao mesmo tempo uma opinião pública hostil ao regime e doutrina na ideologia republicana.**

CORPO REDATORIAL

O Xuão foi dirigido por **Estevão de Carvalho**² (1881-1935) (função que manteria até ao fim da publicação), que também era o proprietário, e teve como secretário da redação, **Júlio Dumont** (Orlando). A administração estava a

¹ “Uma explicação”. In *O Xuão*. Lisboa, N.º 1 (26 Fev. 1908), p. 2.

² Editor, industrial gráfico e publicista. Seria também o editor e diretor do semanário humorístico *O Zé*, que sucedeu a *O Xuão*, bem como do *Jornal da Europa*, “grande empreendimento de publicidade digno de toda a simpatia”. Foi ainda gerente das Oficinas Gráficas da rua do Século e editou muitas séries de romances populares e policiais apresentados com originalidade e audácia gráfica e comercial, em que trabalharam assiduamente muitos nomes do jornalismo português, como Reinaldo Ferreira, Adolfo Coelho, Afonso de Bragança, João de Sousa Fonseca, F. A. Direitinho, entre outros. Cf. MATOS, Álvaro Costa de, OLIVEIRA, João Carlos – “*O Jogo da Política Moderna!*” *Desenho Humorístico e Caricatura na I República*. Catálogo da exposição. Lisboa: CML – DMC – GTCMCR, 2010, p. 44.

cargo de **Ricardo de Sousa**³. O principal **colaborador artístico** foi, de longe, **Silva e Sousa**⁴, com uma presença esmagadora. Excetuando alguns números iniciais e finais, a ilustração do semanário ficava por sua conta, e risco, encarregando-se quase sempre do desenho da primeira página, bem como dos desenhos das páginas centrais e da última página. A proeminência do seu trabalho valeu-lhe inclusivamente a inscrição do nome no cabeçalho d'*O Xuão*, logo abaixo do subtítulo, com a adjetivação de “caricaturista” – o que aconteceu pela primeira vez a partir do n.º 16, de 9 de Junho de 1908. Daqui em diante, praticamente todos os números foram ilustrados pelo lápis de Silva e Sousa. **O traço, o tipo de humor e as soluções gráficas adotadas são claramente inspiradas em Rafael Bordalo Pinheiro. Mas o registo de Silva e Sousa é mais grosseiro, menos subtil, com um humorismo por vezes brejeiro, contrastando com a genialidade do mestre da caricatura política.** E, tal como em Bordalo Pinheiro, o **Zé Povinho** continua a ser um dos protagonistas das caricaturas e desenhos humorísticos d'*O Xuão*, agora acompanhado pelos atores políticos da época: João Franco, Joaquim Ferreira do Amaral, Luciano de Castro, José Maria de Alpoim, D. Manuel II, Afonso Costa, Brito Camacho, António José de Almeida, Bernardino Machado, Campo Henriques, Sebastião Teles, Venceslau de Lima, Veiga Beirão, Teixeira de Sousa, entre outros. Com uma presença muito residual apresentam-se mais alguns caricaturistas, como **A. d’Ayres** (?), no início, e **Raul** (pseudónimo), no fim.

A **colaboração literária** era assegurada pela pena do diretor, **Estevão de Carvalho**, responsável pela crónica que abria cada número (hoje, o editorial), do secretário de redação, **Júlio Dumont** (Orlando), que também assinou algumas crónicas, e por um sem número de pseudónimos (Varesta, João Que Ri, Lá-Conico, Eu, Oscar, Má Língua, Cupido, Zé da Herdade, Styl, Makavenko, entre muitos outros) impossíveis de identificar. No segundo semestre de 1909 temos algumas crónicas (poucas) assinadas por **José do Vale**, **Augusto José Vieira** (1861-1918), e **Joaquim Lourenço de Figueiredo**. Outro dos colaboradores mais regulares é **Alberto Barbosa**⁵ (1891-?) (Rei Luso), destacando-se nas secções “Cartas Abertas” e Oito dias de Galhofa”. A

³ Esta informação surge no início do segundo ano de publicação, com o n.º 53, de 2 de Março de 1909.

⁴ Sabemos muito pouco deste caricaturista, apenas que “iniciou a sua carreira como ilustrador de contos de Ana de Castro Osório, para depois entrar no grupo fundador de *Os Ridículos* (c. 1898)”. Estará também na folha humorística *O Zé*, sucessora do jornal *O Xuão*, até 1912, e “depois parece que desaparece, havendo só uma notícia da década de vinte que dá conta da sua prisão como falsificador de notas”, segundo SOUSA, Osvlado Macedo de - *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*. Vol. 5 – *Cronologia, Dicionário Biográfico e Índices*. Lisboa: Humorgrafe/SECS, 2002, p. 116.

⁵ Jornalista, escritor teatral e empresário. Contou no seu ativo alguns dos maiores êxitos teatrais, como a revista *O 31*, uma das que maior sucesso e número de representações teve na época. Estreou-se como autor, no teatro do Ginásio, em 16 de Fevereiro de 1911, com a revista *Ao Correr da Fita*, escrita em colaboração com Leandro Navarro, com música de Luís Filgueiras e D. Luís Quesada. Colaborou ainda nas revistas *Pirilau*, *Fado Corrido*, *O 31*, *Ditosa Pátria*, *A Revolta*, *Tiro ao Alvo*, *Rataplan*, *Olarila*, *Arre Burro*, entre muitas outras; nas operetas *A Gandaia*, *A Gaiata*, *Coração de Alfama* e em muitas traduções, adaptações e imitações. Foi diretor artístico dos teatros da Trindade (1934-35), e *Avenida* (1934-35), gerente do teatro *Maria Vitória* (1922), e várias vezes empresário nos teatros *Maria Vitória*, *Éden*, *Joaquim de Almeida*, *S. Luís*, *Apolo*, *Variedades*, *Trindade*, *Politeama*, *Nacional*, e *Sá da Bandeira*, ambos do Porto, de 1923 a 1938. Como jornalista, além de *O Xuão*, colaborou n’*O Zé*, *Os Ridículos*, *Azulejos*, *Bandarilhas de Fogo*, *Ferros Curtos* e nos jornais *O Mundo* e *A Manhã*.

partir de 1 de Março de 1910 as crónicas passaram a ser da responsabilidade de **José do Vale** (1880-1917)⁶, cuja entrada para a redação d'*O Xuão* é anunciada no n.º 103, de 15 de Fevereiro de 1910, considerada como uma “bela aquisição”, pois Vale “é um dos mais distintos jornalistas de combate”, que “põe sempre a sua pena e o seu talento em defesa dos humildes e explorados”. Há ainda a registar a colaboração episódica de **França Borges** (1871-1915), com um texto sobre Afonso Costa, **Magalhães Lima** (1850-1928) e **Ribeiro de Carvalho** (1880- 1942), com um texto sobre António José de Almeida, e de **Leão Grave** e **Bernardino Machado** (1851-1944), com alguns (poucos) textos doutrinários. Em suma, se quisermos identificar o **corpo redatorial principal d'O Xuão**, julgo que não estaremos muito longe da verdade se o descrevermos da seguinte forma: **Estevão de Carvalho**, que, além da direção, assina as crónicas; **Júlio Dumont** (Orlando), o principal redator, com uma participação muito diversa, incluindo a assinatura de algumas crónicas; **Alberto Barbosa**, que se destacou nas secções acima referidas; **José de Vale**, que, a partir do primeiro número do terceiro ano da publicação, em Março de 1910, vai ocupar-se das crónicas de abertura; e **Silva e Sousa**, o grande caricaturista, responsável pela quase totalidade dos desenhos humorísticos que faziam as delícias dos leitores d'*O Xuão*; por último, temos uma miríade de pseudónimos, sendo que alguns poderão mesmo ser atribuídos aos responsáveis do semanário de caricaturas, Estevão de Carvalho e Júlio Dumont.

A **proliferação de pseudónimos nas folhas humorísticas era um expediente muito frequente nesta altura, usado para contornar a ação da censura, então muito ativa**. Como referimos noutra sítio, no final de Oitocentos, início de Novecentos, “verifica-se um maior controlo político da imprensa, criando-se então um quadro legal mais apertado para os jornais, sobretudo para aqueles que contestavam frontalmente o sistema político vigente, responsáveis, por sua vez, pela criação de uma opinião pública que, apesar da sua volatilidade, não deixou de entrar em rota de colisão com a Monarquia Constitucional”⁷. Ora, os jornais humorísticos e satíricos, sobretudo os republicanos, como era o caso d'*O Xuão*, não escaparam à fúria da censura, e como tal foram objeto de vários processos judiciais e querelas decorrentes da legislação sobre os periódicos. Resultavam daqui pesadas multas, mas não raras vezes eram absolvidos, como aconteceu com *O Xuão*. Acusado pelo ministério público de ter publicado uma página ofensiva do rei, num processo de Janeiro de 1909, o semanário, defendido na barra dos tribunais por Afonso Costa, seria absolvido, com os juízes a não reconhecerem na página publicada qualquer “matéria criminosa” sobre D. Manuel II⁸. Em jeito de agradecimento, a

⁶ Jornalista e político. Começou por ser empregado comercial, mas seria admitido no corpo redatorial do jornal *O País*, por Alves Correia, o diretor. Trabalhou depois em vários outros jornais, como a *Vanguarda*, de Magalhães Lima, *A Capital*, de Meira e Sousa, o *Povo*, *República*, de Artur Leitão, no jornal *O Mundo*, de França Borges, e por último no *Rebate*, onde foi chefe de redação. Antes da implantação do regime republicano, foi várias vezes preso, devido à defesa acérrima dos ideais republicanos e da classe operária. Na nova Câmara dos Deputados seria redator.

⁷ MATOS, Álvaro Costa de - “A Rolha... Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”, In *A Rolha/Bordalo*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Hemeroteca Municipal, 2005, p. 14.

⁸ V. “O Xuão no Tribunal”. In *O Xuão*. Lisboa, N.º 49 (26 Jan. 1909), p. 3.

primeira página da edição de 26 de Janeiro seria dedicada ao “talentoso” advogado, bem como a crónica, onde Eduardo de Carvalho (referido como colaborador) não perdeu a oportunidade para enaltecer as qualidades de Afonso Costa e tecer loas à República. Nos últimos meses de existência, *O Xuão* foi objeto de várias outras querelas, novamente defendidas por Afonso Costa, mas agora com a ajuda Artur de Carvalho e Cunha e Costa.

ORGANIZAÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

O Xuão seguiu sempre a mesma estrutura gráfica, de 8 páginas: 4 delas integralmente ilustradas (a primeira, as centrais e a última página), a cores, e as restantes 4 para as habituais secções e gazetilhas, a preto e branco (por vezes, com algumas fotografias de atores, toureiros, empresários do teatro, figuras do republicanismo, etc.). Aqui, há claramente uma tentativa de fixar um modelo, **com secções estabilizadas**, como a “**Crónica**”, sempre no início da página 2, “**Notas da Semana**” (pouco depois substituída pela secção “**Animatógrafo... vivo**”), dedicada à atualidade política, na página 3, “**Câmbios... à meia volta**”, para as notas tauromáquicas, na página 6, “**Teatradas**”, com a recensão dos espetáculos, por vezes em verso, na penúltima página, ou a “**Crónica Tripeira**”, que não surge logo no início, com as novidades do Porto, também nas últimas páginas. A partir do n.º 72, de 13 de Julho, de 1909, surge uma nova secção, “**A Tribuna dos Mestres**”, anunciada nos suplementos, **com textos de figuras republicanas de relevo: Gomes Leal (1848-1921), com 2 textos, Magalhães Lima, Fernão Boto-Machado (1865-1924), Eduardo de Carvalho, José do Vale, Augusto José Vieira, e Ri de Car (pseudónimo), todos com 1 texto.** Mas “A Tribuna dos Mestres” acabaria por ser efémera, desaparecendo com o n.º 81, de 14 de Setembro de 1909. As quebras nas secções são feitas quase sempre com gazetilhas, num registo divertido.

À boa maneira dos jornais nacionais, políticos ou noticiosos, *O Xuão* também publicou o seu **folhetim**, numerado, com o título de “As seis mulheres do Sr. Pingouin”. Com início no n.º 7, de 7 de Abril de 1908, sempre na página 6, e fim no n.º 88, de 2 de Novembro de 1909, reuniu 33 números. Embora não fosse muito normal nas publicações periódicas humorísticas, **a aposta no folhetim deve ser lida como uma estratégia seguida pel’O Xuão com o intuito de fidelizar leitores**, dada a periodicidade inerente aos folhetins, o tipo de narrativa empregue, ágil, destinada a prender a atenção do leitor, bem como ao colecionismo que obrigava. Se terá resultado, não sabemos, certo é que a experiência não voltou a ser repetida (exceto no *Suplemento ao n.º 76 de O Xuão*, de 14 de Agosto de 1909, que publicou o folhetim “Marietta (contos só para senhoras)”.

O Xuão publicou ainda vários desenhos, em jeito de homenagem, ou fazendo mesmo a propaganda das suas virtudes, das seguintes individualidades: Nicolas Salmeron (N.º 32), Heliodoro Salgado (34), Vicente Blasco Ibañez (64), Francisco Ferrer (82), os regicidas Manuel Buiça e Alfredo Costa (101), António José de Almeida (105), Afonso Costa, Artur de Carvalho e Cunha e Costa (110), Bernardino Machado (113), Afonso Costa (115), desta vez sozinho, e Miguel Bombarda (122). Os desenhos, num traço bastante académico, saíram quase todos nas páginas centrais, a toda a largura, e na

sua maioria são da autoria de Silva e Sousa. A partir do n.º 53, de 2 de Março de 1909, no início do segundo ano de publicação, **O Xuão foi objeto de algumas melhorias gráficas**, nomeadamente na primeira página: aparece então um cabeçalho mais elaborado, quer para o título quer para o subtítulo da folha humorística, quer para a restante informação relativa ao corpo redatorial, locais de impressão e redação e preçário das assinaturas e anúncios. Além de mais artístico, o novo cabeçalho é também mais expressivo quanto aos propósitos d’*O Xuão*, patente na representação de um atrevido arlequim, com o retrato de João Franco estampado no seu fato, furando, com a ponta do seu lápis, os seus dois principais inimigos: Franco, novamente, e um desamparado jesuíta. **Estas melhorias gráficas, que se mantiveram até ao fim da publicação, podem também indiciar que O Xuão estava a ter êxito no “mercado jornalístico humorístico” da época, traduzido num maior número de assinaturas.** A reforçar esta conclusão temos também o lançamento, no início de Agosto de 1909, de 4 suplementos d’*O Xuão*, aos números 75, 76, 77 e 78, com datas de 7, 14, 21 e 28 de Agosto de 1909. Estes suplementos, de 4 páginas, a cores, em “grande formato”, custavam 10 réis (eram anunciados como o “único jornal de caricaturas a cores que se publica por 10 réis”), e, novidade, traziam uma última página repleta de **anúncios**: desde, logo, ao próprio *O Xuão*, num divertido desenho, em destaque; depois, temos os anúncios propriamente ditos, a litografias, alfaiatarias, lojas de fotografias, mercearias, fábricas de tintas, armazéns, entre outras atividades comerciais. Com o desaparecimento destes suplementos (só voltaria a ser publicado mais um, com data de Abril de 1910, num formato idêntico ao *Xuão*, dedicado a Alexandre Herculano), os anúncios saltaram para a última página da edição principal, o que aconteceu a partir do n.º 84, de 5 de Outubro de 1909, agora combinados com a tradicional caricatura que ocupava a página 8. Estes anúncios, que pagavam a publicação (e explicam a manutenção do preço), **podem ainda constituir uma fonte preciosa para a identificação dos leitores tipo d’*O Xuão***, neste caso predominando os negociantes e profissionais de atividades ligadas ao pequeno comércio e indústria lisboetas, como as acima referidas. De alguma forma, eram o público-alvo do republicanismo.

Por Álvaro Costa de Matos

Lisboa, HML, 15 de Janeiro de 2013.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vols. 4, 6, 33 e 37. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, Lda., 1978.

MATOS, Álvaro Costa de - “A Rolha... Política e Imprensa na Obra Humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”, In *A Rolha/Bordalo*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Hemeroteca Municipal, 2005.

MATOS, Álvaro Costa de, OLIVEIRA, João Carlos – “*O Jogo da Política Moderna!*” *Desenho Humorístico e Caricatura na I República*. Catálogo da exposição. Lisboa: CML – DMC – GTCMCR, 2010.

RODDRIGUES, António Simões – *História de Portugal em datas*. 4.^a Edição. Lisboa: Temas e Debates, 2007.

SOUSA, Osvaldo Macedo de - *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*. Vol. 5 – *Cronologia, Dicionário Biográfico e Índices*. Lisboa: Humorgrafe/SECS, 2002, p. 116.